

SORTE: UM CONCEITO, NÃO UMA FORÇA

Stanley Martins Frasão
Advogado Sócio do Homero Costa Advogados

A palavra "sorte" ocupa um espaço curioso na linguagem. Surge como explicação rápida para o inesperado, consolo diante do fracasso e, não raro, justificativa para o sucesso alheio. Mas sorte não é um fenômeno — é um conceito. E, como todo conceito, depende da forma como o interpretamos.

Sorte não é algo que se possa medir, armazenar ou transmitir. Não há unidade científica que a quantifique, tampouco instrumento que a detecte. Na maioria das vezes, sorte é o encontro entre oportunidade, preparo e circunstâncias fora do controle individual. Quando alguém "teve sorte", houve apenas o encontro entre uma chance concreta e a capacidade de aproveitá-la.

Essa percepção desloca a sorte do campo do acaso puro para o campo da interpretação. Dois indivíduos podem vivenciar o mesmo evento: um o considera sorte, o outro, consequência lógica de suas escolhas. O conceito, portanto, não está no fato — está na narrativa construída sobre ele.

No plano psicológico, a ideia de sorte cumpre funções importantes. Reduz a ansiedade diante do imprevisível e suaviza o peso da responsabilidade individual. Ao atribuir um resultado à sorte, o sujeito preserva a autoestima e evita enfrentar variáveis mais complexas, como preparo insuficiente, estratégia inadequada ou timing equivocado. Por outro lado, também pode gerar passividade: quem acredita excessivamente na sorte tende a esperar mais do que agir.

Já no campo do sucesso, a sorte é frequentemente romantizada. Resumimos grandes conquistas a momentos fortuitos e ignoramos anos de preparação silenciosa. O "golpe de sorte" é apenas o instante em que a oportunidade encontra alguém pronto. Sem preparo, a mesma oportunidade passaria despercebida — e ninguém a chamaria de sorte.

Há um aspecto estratégico: tratar a sorte como conceito, e não como força real, devolve o protagonismo ao indivíduo. Se sorte não é algo que "se tem", mas algo que se

interpreta, então o foco se desloca para aquilo que pode ser efetivamente controlado: disciplina, consistência, aprendizado contínuo e capacidade de leitura de cenários.

Isso não nega o acaso. O mundo é cheio de variáveis imprevisíveis. No entanto, o acaso, por si só, não produz resultados sustentáveis. Ele apenas abre portas — e portas abertas não garantem travessia.

Portanto, ao dizer que "sorte é apenas um conceito", não se está reduzindo sua importância simbólica, mas reposicionando seu papel. Sorte deixa de ser um fator determinante e passa a ser uma lente interpretativa. E essa mudança, embora sutil, tem implicações profundas: ela substitui a espera pela ação, a justificativa pela responsabilidade e a passividade pela estratégia.

No fim, sorte é o nome que damos ao resultado quando não queremos — ou não conseguimos — explicar o caminho que nos levou até ele.